



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CAMPUS III – GUARABIRA**

**HIGO FRANKLYM DE FREITAS ALVES  
Matrícula: 2013.4711.0062**

**EDUCAÇÃO FÍSICA, MÍDIA E CORPO FEMININO: ENTRE A TEORIA  
E A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DA ESCOLA JOSÉ ROCHA  
SOBRINHO**

**GUARABIRA  
2014**

**HIGO FRANKLYM DE FREITAS ALVES**

**EDUCAÇÃO FÍSICA, MÍDIA E CORPO FEMININO: ENTRE A TEORIA  
E A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DA ESCOLA JOSÉ ROCHA  
SOBRINHO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual a Paraíba, como um dos requisitos para obtenção do título de Especialista.

Orientador (a): Prof. Dr. Juarez N. Lins

**GUARABIRA**

**2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A474e Alves, Higo Franklym de Freitas  
Educação Física, mídia e corpo feminino [manuscrito] : entre a teoria e a percepção de professores da Escola José Rocha Sobrinho / Higo Franklym de Freitas Alves. - 2014.  
32 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Ped. Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Prof.Dr.Juarez Nogueira Lins, Departamento de Letras".

1. Educação Física 2. Mídia 3. Identidade I. Título.

21. ed. CDD 372.86

**HIGO FRANKLYM DE FREITAS ALVES**

**EDUCAÇÃO FÍSICA, MÍDIA E CORPO FEMININO: ENTRE A TEORIA  
E A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DA ESCOLA JOSÉ ROCHA  
SOBRINHO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual a Paraíba, como um dos requisitos para obtenção do título de Especialista.

Aprovada em 19 / 07 / 2014

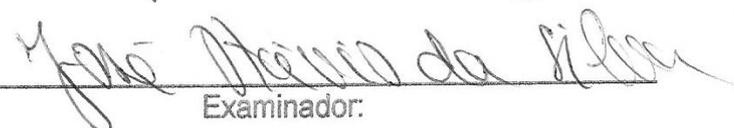
Banca Examinadora

  
Orientador (a):

Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins

  
Examinador:

Prof. Dr. Luciano Nascimento

  
Examinador:

Prof. Ms. José Otávio da Silva

**GUARABIRA  
2014**

## RESUMO

A mídia contemporânea criou a necessidade do corpo perfeito, a todo custo e, com fortes e freqüentes apelos, tem levado milhões à luta pela beleza corporal. Nessa luta – as mulheres – são as mais atingidas. Há então, a necessidade de mais informações e conscientização sobre a loucura do culto ao corpo. E, a escola e o profissional de Educação Física podem contribuir. Assim esta monografia tem como objetivo discutir a partir de um levantamento bibliográfico/pesquisa a questão do culto ao corpo na escola, observando o papel do professor de Educação Física nesse processo. Para realizar tal intento realizou uma pesquisa de caráter exploratório, utilizando como suporte teórico a investigação bibliográfica e documental. Como base teórica, os estudos de Castro (2007), Del Priore (2000), Santaella (2003), Hall (2006) e outros. Através da pesquisa bibliográfica ficou evidente a maior preocupação com a imagem e manutenção da beleza corporal por parte do sexo feminino, em virtude de uma maior cobrança sobre a mulher. A pesquisa de campo reafirmou essa questão e, os profissionais de Educação Física tentam a partir de suas aulas conscientizarem principalmente as alunas de que os *corpos perfeitos* são geralmente imagens manipuladas e, a busca desmedida da perfeição pode levar a doenças e lesões.

Palavras-chave: Educação Física. Mídia. Identidade. Corpo.

## **ABSTRACT**

The contemporary media has created the need of the perfect body, at all costs and, with strong and frequent appeals, has led millions to fight for body beauty. In this struggle - women - are the hardest hit. There is then a need for more information and awareness about the madness of the cult of the body. And, the school and the professional physical education can contribute. So this monograph is to discuss from a literature / research the issue of body worship in school, noting the role of a physical education teacher in the process. To accomplish such intent conducted an exploratory character, using theoretically supported by documentary and bibliographical research. As a theoretical background, the studies de Castro (2007), Del Priore (2000), Santaella (2003), Hall (2006) and others. Through literature search was evident the greater concern with the maintenance of body image and beauty by females due to greater recovery of the woman. The field research this issue and reaffirmed the Physical Education professionals try from their classes mainly conscientization the students that the perfect bodies are usually manipulated images and the unbridled pursuit of perfection can lead to illness and injury.

Keywords: Physical Education. Media. Identity. Body.

## EPÍGRAFE

[...] o ajuste de um jogo rígido de padrões de beleza física que pressiona a todos de um determinado grupo a conformar-se com eles. Em uma cultura no qual o corpo físico está preso em tal elevada estima e lhe é dado tal poder, o fascismo corporal julga, não somente aqueles que não ou nem podem ser, menos desejáveis sexualmente, mas, num extremo, também julgam o indivíduo desvalorizado como pessoa, baseado somente no seu interior. (SIGNORILI, 2004)

## DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia à minha mãe Maria Helineide Melo de Freitas Alves e meu pai Francelino José Alves Neto, que sempre contribuíram de alguma forma com a base que sustenta as condições que tornaram possível a realização de mais um sonho.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao grandioso Deus, infinito, pela luz e graça concedida em minha vida e por estar e continuar sempre presente nos meus anseios, tristezas, alegrias e progressos.

Aos meus pais, Francelino José Alves Neto e Maria Helineide Melo de Freitas Alves, que com muita dedicação, esforço e coragem me ajudaram a esculpir a minha história e que por vontade divina me deram vida e me ensinaram a viver.

A minha noiva e companheira, Anna Alyne, pela força, compreensão, apoio, pela ajuda sempre pontual... Amo-te, amor!

Ao meu orientador, pelo apoio concedido no momento que mais precisei tirar dúvidas e extrair o de melhor para construção dessa produção científica.

Aos meus irmãos Yasmim e Murilo, que sempre souberam entender tudo que estava acontecendo comigo nesses anos.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação acadêmica.

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO .....  | 10 |
| CAPÍTULO I – MÍDIA, EDUCAÇÃO E CORPO FEMININO .....         | 11 |
| 1.1 Mídia, Educação e Identidade .....                      | 11 |
| 1.2 Mídia e Corpo Feminino .....                            | 15 |
| CAPÍTULO II – REVISÃO DA LITERATURA .....                   | 17 |
| CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS..... | 22 |
| 3.1 O Espaço da Pesquisa .....                              | 22 |
| 3.2 A Pesquisa, Instrumentos e Procedimentos .....          | 22 |
| 3.3 Apresentação e Discussão dos Resultados.....            | 23 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                                  | 29 |
| REFERÊNCIAS.....  | 30 |
| ANEXOS .....  | 32 |

## INTRODUÇÃO

A beleza feminina no decorrer do tempo adquiriu inúmeros conceitos. Na idade média não havia a preocupação com o “corpo perfeito”, Hoje, se cultua a beleza esbelta “magra”. E se firma e se propaga: um corpo perfeito, a base de muitos exercícios e dietas. E esse conceito de beleza é amplamente disseminado nos meios de comunicação, fazendo crescer cada vez mais, especialmente entre as mulheres, a busca por meios que as transforme em mulheres perfeitas. Uma luta que atinge todas as classes sociais, e, vem ocasionando patologias, frustrações e até mesmo morte. A convivência com esse momento, passa pela escola e, principalmente pelo profissional de educação física que podem ajudar a desmistificar a construção do corpo perfeito através de dietas mirabolantes, intervenções cirúrgicas desnecessárias, atividades físicas exageradas. E, por outro lado, incentivar a atividade física saudável e boa alimentação como chaves para transformar a estrutura física da pessoa. Uma atividade física bem estruturada pode conceder aos seus adeptos os efeitos essenciais ao encontro do corpo são. Nesse cenário, objetivamos discutir a partir de um levantamento bibliográfico/pesquisa a questão do culto ao corpo na escola, observando o papel do professor de Educação Física nesse processo. Realizamos então, uma pesquisa de caráter exploratório, utilizando como suporte teórico a investigação bibliográfica e documental. Como base teórica, os estudos de Castro (2007), Del Priore (2000), Santaella (2003), Hall (2006), Beloni (2001), Conti (2005), Russo (2005) e outros.

A monografia foi estruturada em três capítulos. O primeiro discute o papel da mídia na construção das identidades femininas no que diz respeito ao corpo perfeito, trazendo essa discussão para a escola. O segundo capítulo traz um levantamento bibliográfico sobre a questão do culto ao corpo nas mais variadas situações: nas academias, nos esportes, na escola... O terceiro capítulo traz os resultados de uma entrevista realizada com professores de Educação Física da Escola José Rocha Sobrinho em Bananeiras/PB, sobre a percepção deste profissional em relação ao culto ao corpo na citada escola.

## 1. MÍDIA, EDUCAÇÃO E CORPO FEMININO

### 1.1 Mídia, Educação e Identidade

No final do século XIX, havia três tendências, em se tratando de comunicação: a transformação das instituições da mídia em interesses comerciais de grande escala; a globalização da comunicação; e o desenvolvimento das formas de comunicação eletronicamente mediadas. Essas transformações se avultaram no século XX e, de acordo com Johnson (2001, p. 9), neste século a explosão de tipos de meios de comunicação nos permitiu, pela primeira vez, apreender a relação entre a forma e o conteúdo, entre o meio e a mensagem, entre a engenharia e a arte. Essa explosão e a velocidade das mudanças é que permitem percebermos como os meios de comunicação moldam nossos hábitos de pensamento.

Pensando na transição entre a comunicação de massa e as tecnologias surgidas nos últimos anos, Santaella (2003) propõe a expressão *cultura das mídias*.

Se aquela é correspondente a “meios de produção que estão sob poder político de uma minoria economicamente privilegiada, sendo suas mensagens produzidas por poucos para serem recebidas por uma massa de consumidores que não participa da escolha das mensagens que lhes são dirigidas”, a nova expressão faz pensar a convivência dos meios existentes com outras mídias que não de massa. Isso indicaria, “em primeiro lugar, que elas (novas mídias) proliferam através do reaproveitamento das mídias já existentes” (SANTAELLA, 2003, p. 49).

O desenvolvimento e o aprimoramento das mídias disseminaram o processo comunicativo e a conexão entre os povos. As mídias obtêm participação efetiva na educação. Sua penetrabilidade no processo educativo, bem como na formação de um sujeito viável a mudanças é nítida. E esse processo, como ensina Hall (2006, p. 12-13) “produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas uma celebração móvel. Em outras palavras, vive-se em uma transformação contínua e aberta a novas perspectivas, onde a chave é a interação de culturas graças à conexão entre os povos possibilitada pelas tecnologias midiáticas e, constituindo uma cultura transnacional que extrapola o local.

Nessa cultura, o corpo vem se configurando, cada vez mais, como território de construção de identidade. A preocupação com a apresentação e com o corpo

vem assumindo centralidade na vida cotidiana dos indivíduos, a tal ponto que os espaços de culto ao corpo (sendo a academia de ginástica um dos mais emblemáticos) caracterizam-se como uma das principais maneiras de se estabelecer formas de sociabilidade, construir marcas identitárias e de distinção social (CASTRO, 2007).

A forma como o corpo se configura em símbolo é variável de acordo com etnia, idade, nível social, história, sociedades, culturas e infinitos outros grupos, podendo-se considerar também o nível individual. Hoje, porém, a beleza corporal está muito vinculada a padrões de mercadoria, onde existe uma verdadeira maquinaria cultural de vendas de corpos, adornos e elementos relacionados a ele. Essa crescente comercialização do corpo, tão incutida na cultura atual, produziu um paradoxo entre a beleza corporal e o artificial. Tal paradoxo aderiu suavemente à imagem corporal, relacionando-a a um padrão corporal pré-definido como referência de saúde, qualidade de vida e beleza.

Nesse contexto, pode-se refletir sobre a indústria e serviços associados à beleza do corpo, apresentados como um dos fenômenos mais impressionantes da vida atual; onde são projetados para as pessoas diversos métodos, técnicas e abordagens para o belo, o magro e o forte. Para Belloni (2002), a indústria cultural desempenha um papel importante, um mecanismo poderoso de produção da consciência coletiva e individual que assegura a adesão da maioria das populações a um modo de vida e a um modelo de consumo dos quais elas estão excluídas.

Atualmente, o culto ao corpo pode fazer com que o indivíduo se afaste da própria subjetividade, modelo e vivência corporal, chegando ao ponto extremo de ocasionar-lhe um processo de alienação e de construção de uma consciência acrítica em relação a sua percepção corporal e a hábitos de vida. Como consequência, o indivíduo pode desconhecer meios que poderiam ajudá-lo a sair dessa realidade ou não ser capaz de concretizar tais meios, hipertrofiando essa condição de vida não emancipada, tão desejada na sociedade. Vive-se o culto ao corpo extremo determinado; é criada a angústia interna vivenciada; aceitam-se os padrões de referência pública. Para Tavares (2003, p.84), a identidade do sujeito fica mascarada, e embora possa ter sucesso socialmente, a imagem que tem de si não reflete um mundo interno vinculado às suas vivências sensoriais, afastando-o de um contato consigo mesmo. O sujeito fica dependente do mundo externo para direcionar suas ações e percepções: estas passam a acompanhar

predominantemente esse comando externo, tendendo a um processo mais repetitivo vinculado às exigências externas, em detrimento dos anseios internos. Tais exigências e comandos externos são possibilitados por diferenciados meios e também por diversas formas de vivenciar essa contemplação corporal da sociedade atual.

Hoje, produzem-se os estereótipos do belo, do magro e do musculoso. A enfática estratégia da prática de exercícios físicos e da alimentação visando o rendimento, a medida, o "ter um corpo" adequado aos padrões impostos, consolida analogias do corpo humano e do movimento ao de uma máquina, na qual ambos - exercício e alimentação - são executados de um modo irrefletido e irresponsável, repetitivo e mecânico (RIZZO PINTO, 1997). Os limites físicos, psíquicos e sociais do indivíduo são desrespeitados, e acaba se afastando os benefícios que a imagem corporal pode proporcionar ao mesmo, de se conhecer, conhecer a realidade em que vive e produzir, assim, diagnósticos que possibilitem melhorar sua vida. Perde-se um verdadeiro sentido estético, o qual beneficia à saúde e à qualidade de vida, e parte-se para um sentido estético estereotipado e alienante, que evade da formação de seres humanos emancipados. Os conceitos de saúde e qualidade de vida estão relacionados, e vão além do entendimento de que têm, como objetivos, a ausência de doenças e o retardamento da morte (RIZZO PINTO, 1997). Nahas (2001, p.31) afirma que

*[...] tende-se a considerar saúde como uma condição humana com dimensões física, social e psicológica, caracterizada num contínuo com pólos positivos e negativos. A saúde positiva seria caracterizada com a capacidade de ter uma vida satisfatória e proveitosa, confirmada geralmente pela percepção de bem estar geral; a saúde negativa estaria associada com morbidade e, no extremo, com mortalidade prematura.*

A qualidade de vida, segundo o mesmo autor (2001), é diferente de pessoa para pessoa e tende a mudar ao longo da vida de cada um. Há, no entanto um consenso em torno da idéia de que são múltiplos os fatores que determinam a qualidade de vida de pessoas ou de comunidades. A combinação desses fatores que moldam e diferenciam o cotidiano do ser humano, resulta numa rede de fenômenos e situações que, abstratamente, pode ser chamada de qualidade de vida. Em geral, associam-se a essa expressão fatores como: estado de saúde,

*longevidade, satisfação no trabalho, salário, lazer, relações familiares, disposição, prazer e até espiritualidade. Num sentido mais amplo, qualidade de vida pode ser uma medida da própria dignidade humana, pois pressupõe o atendimento das necessidades humanas fundamentais.*

Sabe-se que saúde e qualidade de vida estão atreladas a uma condição de vida em que a pessoa é considerada como um ser integral e pleno, sendo capaz de conter subsídios que dispersem, ao máximo, os fatores negativos aos quais é submetida. Nesse sentido, ambas devem proporcionar ao ser humano, direta ou indiretamente, melhoras em seus aspectos físico, psíquico e social, permitindo-lhe interagir otimamente com a natureza e cultura que o englobam, sendo partícipe efetivo dos projetos individuais e coletivos. Imagem e prática corporal, bem como alimentação, devem fazer parte desse universo de saúde e qualidade de vida.

Enfim, esse acentuado crescimento da comunicação através do corpo e, mais especificadamente, da imagem do corpo, está fortemente relacionado com a formação de múltiplos caracteres ideológicos enviesados e acompanhados de transformação negativa na prática cultural dos indivíduos. Parece que a aderência dos resíduos provenientes do atual sistema apresenta-se como fator limitante à conscientização e crítica comportamental, inibindo ações transformadoras, principalmente no que diz respeito às várias aspirações materialistas.

O sentido de beleza corporal atual interfere no conceito de imagem do corpo, de tal forma que a não adequação ao estereótipo está relacionada à etiologia de patologias e práticas enviesadas. Tais práticas e até a imagem corporal acabam, muitas vezes, por perder suas relações positivas com o ser humano para lhe causar aspectos negativos.

Atualmente, essa forte presença do corpo na mídia e a preocupação desmedida com as formas esteticamente perfeitas acenam um conjunto de questões a ser debatida na área da Educação Física. Os interesses do mercado, a extrema da magreza, da leveza, das formas bem definidas, da hipertrofia muscular, superação dos limites do próprio corpo tem se apresentado como um grande desafio aos profissionais da Educação Física, sejam eles atuantes na área escolar ou não. Surge a necessidade desses profissionais saberem dos conceitos e das interações imagem corporal - cultura - saúde, além dos fatores que interferem positiva ou negativamente nessa dinâmica de interação. A atuação profissional, portanto, não ficará alienada e trará em seu bojo o conhecimento necessário para a transformação

e educação. Além disso, não estará, em longo prazo, prejudicando a saúde dos indivíduos, o que seria um paradoxo.

## **1.2 Mídia e Corpo Feminino**

Desde meados do século XX até os dias atuais, a mídia se consolidou como um eficiente recurso para, após a identificação de prováveis necessidades, ou desejos dos indivíduos, servir como uma ferramenta para influenciar seus receptores a adquirirem produtos, necessitando ou não deles. O que leva Zigmunt Bauman a afirmar em seu texto "Identidade" (2003) que hoje somos todos, mercadorias e consumidores ao mesmo tempo.

O mundo sugerido pelos anúncios publicitários, produções cinematográficas, novelas, jingles e outros, normalmente, apresenta um lugar diferente da realidade vivenciada pelos receptores desses artefatos da mídia, pois que está presente neles, o encanto, e, talvez, até mesmo um mundo de faz-de-conta, para o qual o receptor é convidado a participar, através da aceitação ou compra do produto.

Diante desse mundo perfeito, é impossível que o indivíduo não sinta motivação ao consumo de produtos oferecidos, pois, com eles, será possível, também, adquirir certos bens simbólicos que estejam agregados àqueles bens. Assim sendo, a mídia não quer vender somente a mercadoria, mas quer, também, comercializar conceitos de vida que serão adquiridos pelo comprador, a partir do momento em que ele se dispuser a gastar o valor necessário para adquirir o bem em questão. E tudo, se tornou produto de comercialização, inclusive o corpo, sobretudo o feminino.

Foi a partir da década de 80, que se iniciou a busca por um corpo perfeito e a necessidade de hábitos saudáveis: alimentação equilibrada e prática contínua de exercícios físicos, pois corpo assumia um lugar de destaque, ou seja, deixava de ser simplesmente invólucro da alma, dos sentimentos. O corpo tornava-se um instrumento precioso para a auto-afirmação nos grupos sociais. O corpo, principalmente o feminino, passaria da perspectiva biológica para a perspectiva cultural/econômica, dada à possibilidade do corpo servir como precioso veículo para a manifestação de uma série de preocupações e características e reflexos sociais das épocas, de grupos. Criaram-se padrões de beleza e, estes foram sugeridos às

mulheres – o comportamento, o vestuário, a forma corporal, os adereços... E a mídia, se tornou o principal meio de propagação desses padrões que inevitavelmente, geraram mudanças de comportamento.

A propagação destes padrões desejados/sugeridos pelos grupos, atualmente, são processados pela publicidade, que massifica a imagem do que é corpo saudável e bonito, gerando, algumas vezes, mudanças de comportamento. Isso acaba gerando a banalização da beleza feminina, fazendo com que grande parte das mulheres consuma um ideal de beleza, muito difícil de ser alcançado (DEL PRIORE, 2000). Mesmo assim, o consumo continua sendo estimulado, afinal, na modernidade líquida (BAUMAN, 2003) a mídia vende um produto, associando-os a valores e imagens que os sujeitos femininos desejam ou pensam desejar. De acordo com Kellner isso

(...) indica que a propaganda está tão preocupada em vender estilos de vida e identidades socialmente desejáveis, associadas a seus produtos, quanto em vender o próprio produto – ou melhor, os publicitários utilizam constructos simbólicos com os quais o consumidor é convidado a identificar-se para tentar induzi-lo a usar o produto anunciado. (KELLNER, 2001, p. 324)

E desse modo, a mídia segue constituindo e concretizando identidades e gerando mais produtos, sonhos e fantasias. E ao mesmo tempo em que possibilita a construção de sonhos, de fantasias, ela tem como objetivo a venda de uma imagem, a qual virá concretizada através de um produto ou serviço. A busca por essa fantasia, por essa imagem de irrealidade, mas extremamente sedutora, é freqüente, fazendo com que o receptor esteja constantemente vinculado a essas propagandas, porque o ideal que ele almeja dificilmente será alcançado, em virtude dos truques – photoshop, dublês, maquiagem – utilizados em anúncios publicitários.

E o uso, como sustentação, do corpo humano para venda de produtos/valores, sugere a utilização de certos bens de consumo, como maquiagem, roupas, cremes, alimentos, entre outros produtos. E é claro que a mulher somente conseguirá adquirir as características apresentadas nos textos publicitários, consumindo, não só os produtos, mas também, os aconselhamentos estéticos, morais, de moda, evidenciados nesses discursos. Mas, na maioria das vezes, há a intensa presença de anúncios publicitários que se valem da utilização de corpos

simplesmente como alegoria para o produto vendido, não existindo nenhuma relação entre o objeto vendido e o corpo exibido. A seguir, estudos sobre o corpo e EF.

## 2. REVISÃO DA LITERATURA

Alguns estudos realizados nas últimas décadas, principalmente, a partir o início do século XXI abordam questões relativas à discussão sobre a temática da cultura do corpo. As discussões articulam gêneros, faixas etárias, instituições educacionais e outras... Trazemos alguns desses textos, presentes no artigo *Cultura e Imagem Corporal* das autoras D. Alves, M. Pinto, S. Alves, A. Mota, V. Leirós (2009, p. 05-16) e adaptados, com a finalidade de situar as nossas reflexões em um contexto mais amplo.

Vilela et al (2004) com “*Transtornos alimentares em escolares*”, objetivou investigar a frequência de possíveis transtornos alimentares em 1807 estudantes (887 do sexo masculino e 920 do sexo feminino), com idades compreendidas entre os 7 e 19 anos, de seis cidades do interior de Minas Gerais (Brasil). Concluiu que mais de metade dos participantes estava insatisfeita com a sua imagem corporal (59% dos estudantes) e praticavam atividade física com o objetivo de perder peso (56%). Apesar da presença dos transtornos ter sido significativamente maior no sexo feminino, foi evidente uma alta prevalência também no sexo masculino, o que os levou a constatar que esses têm aumentado nos homens, nos últimos anos. Do mesmo modo, o maior número de desordens alimentares situa-se na faixa etária entre os 11-16 anos. Assim, este estudo revelou uma alta prevalência de possíveis transtornos alimentares na população estudada (adolescentes), assim como, comportamentos alimentares inadequados, principalmente no sexo feminino.

Conti et al (2005) elaboraram um estudo denominado “*Excesso de Peso e Insatisfação Corporal em Adolescentes*”, objetivando investigar a associação entre excesso de peso e insatisfação com a imagem do corpo. Utilizaram uma amostra de 147 adolescentes de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 10 e 14 anos. Através da aplicação do teste constatou que, efetivamente, havia uma associação entre excesso de peso e insatisfação corporal, uma vez que os adolescentes com baixo peso apresentavam uma satisfação corporal média, enquanto os de peso normal apresentavam alta satisfação e os de sobrepeso estão

insatisfeitos com o seu corpo. Concluíram, ainda, que havia maior nível de insatisfação no sexo feminino relativamente ao masculino.

Veggi et al (2004) elaboraram um estudo intitulado “*Índice de Massa Corporal, Percepção do Peso Corporal e Transtornos Mentais Comuns entre Funcionários de uma Universidade no Rio de Janeiro*”, com o objetivo de investigar a relação entre o índice de massa corporal (IMC) e a autopercepção distorcida do peso corporal com a ocorrência de transtornos mentais comuns (TMCs), em funcionários de uma Universidade do Rio de Janeiro. A amostra utilizada englobou 3526 funcionários universitários, com idades compreendidas entre os 22 e os 59 anos. Os resultados mostraram que 34,5% das mulheres e 22,3% dos homens apresentaram transtornos mentais comuns (TMCs). O maior predomínio de TMCs foi encontrado entre as mulheres com baixa escolaridade e rendimentos. Os problemas de saúde auto-relatados estavam presentes nos dois sexos, nomeadamente nos participantes que apresentavam TMCs. O índice de massa corporal (IMC) aumentou com o aumento da idade, em ambos os sexos, e diminuiu com a maior escolaridade e rendimentos, no caso das mulheres, assumindo os seus valores mais baixos entre os participantes que nunca se tinham casado. Do mesmo modo, 14,1% dos homens e 7,2% das mulheres auto-percepcionaram-se como tendo um peso corporal inferior ao ideal, enquanto 56,7% e 70,9%, respectivamente, percepcionaram o seu peso corporal como sendo superior ao aspirado. Nesta perspectiva, os autores concluíram que a auto-percepção distorcida do peso corporal, a qual se revelou independente do IMC, esteve relacionada com a presença de TMCs, no caso do sexo feminino, mas não do masculino. Tal fato poderia estar associado à maior pressão sociocultural a que as mulheres estão sujeitas, numa sociedade onde vigora uma verdadeira cultura do magro.

Damasceno et al (2005) realizaram um estudo intitulado “*Tipo físico ideal e satisfação corporal de praticantes de caminhada*”, com o objetivo de quantificar o tipo físico ideal e também verificar o nível de insatisfação com a imagem corporal de um grupo de praticantes de caminhada. Utilizaram como amostra 186 indivíduos (87 do sexo feminino e 98 do sexo masculino). O estudo concluiu que os homens preferiram corpos mais fortes e volumosos e com baixo percentual de gordura. Já as mulheres desejavam um corpo mais magro e menos volumoso. Constataram, portanto, que poucos são os que têm o corpo que idealizam e, por isso, estão insatisfeitos com a auto-imagem, não havendo diferenças entre gêneros.

Oliveira et al (2003) realizaram um estudo intitulado “*Comportamento alimentar e imagem corporal em atletas*”, com o objetivo de investigar a presença de comportamentos sugestivos de transtornos alimentares, de distorções da imagem corporal e de disfunções menstruais em atletas da EEFD – UFRJ (Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro). Utilizaram como amostra 12 atletas do sexo feminino (entre os 20 e os 22 anos, com 4 a 7 anos de treino). A fim de fazer o tratamento estatístico dos dados, recorreram ao teste *t* de *Student* para amostras independentes. Os resultados encontrados sugeriram a presença de sintomas, (tais como, uma distorção da imagem corporal, dado que, embora os valores da gordura corporal estivessem dentro dos padrões esperados para idade e sexo das inquiridas, elas sentiam-se insatisfeitas) que, apesar de não caracterizarem, precisamente, a bulimia nervosa ou anorexia nervosa, sugerem a necessidade de avaliação e a vigilância mais criteriosa do ambiente desportivo, sobretudo no que diz respeito às práticas alimentares, como forma de prevenção.

Almeida et (2002) elaboraram um estudo intitulado “*A imagem corporal de mulheres morbidamente obesas avaliada através do desenho da figura humana*”, cujo objetivo foi avaliar a auto – imagem de 30 mulheres com obesidade mórbida comparativamente a 30 mulheres não obesas. Através da avaliação dos desenhos, concluíram que os grupos diferiam significativamente em relação aos índices *qualidade de grafismo, localização na página e temática*, revelando um predomínio de sentimentos de inadequação por parte das obesas. Quanto aos índices relativos ao *tamanho do desenho, proporção, representação do tronco e tamanho de diferentes partes do corpo*, os grupos também diferiam entre si, sugerindo presença de indicadores de depreciação e distorção da imagem corporal entre as obesas (por exemplo, as mulheres obesas fizeram desenhos mais desproporcionais do que as não obesas). Observou-se que as primeiras apresentam dificuldade de expressar, simbolicamente, a sua vivência corporal, o que sugere a presença de sentimentos de inferioridade, descontentamento e preocupação com o corpo e a beleza.

Cavalcanti et al (2004) elaboraram um artigo intitulado “*Obesidade, cultura e desigualdade social: Dietas médicas para emagrecer obesos pobres*”, utilizando uma amostra de 41 pacientes obesos, entrevistados à saída da sala de atendimento público em Nutrição, em Paraíba. Os autores objetivaram esclarecer as crenças positivas e negativas, bem como as pessoas de opinião mais influente, identificadas

pela amostra, quando receberam dietas de emagrecimento. Pretenderam, portanto, encontrar as relações existentes entre o comportamento de seguir dieta médica e as crenças culturais sobre saúde. Concluíram que incentivar os obesos pobres a comer menos e melhor, a fim de alcançar um corpo que se enquadre nos padrões transmitidos pelos *media*, não é a tática mais eficiente. Com efeito, apesar de reconhecer a importância e mesmo a necessidade de emagrecer, o obeso não se sente preparado o suficiente para conseguir resistir às tentações. Ajudar os obesos desta camada social a encontrar estratégias de comportamento que aumentem a persistência nos regimes de emagrecimento será mais útil e eficaz para evitar as doenças correlatas. Do mesmo modo, constataram que as pessoas que lidam diariamente com os obesos, ou seja, as pessoas de opinião mais influente (familiares, amigos e até desconhecidos) são os principais responsáveis pela pressão social a que esses estão sujeitos, acarretando, inevitavelmente, sinais de depressão e auto-percepção negativa nas suas vidas.

Assis et al (2003) elaboraram um estudo intitulado “*A representação social do ser adolescente: um passo decisivo na promoção da saúde*”, com o objetivo de avaliar o auto-conceito e a auto-estima de estudantes das escolas de um município do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo e, ainda, conhecer a representação social que esses adolescentes fazem de si próprios. Utilizaram como amostra 1.685 alunos (938 raparigas e 747 rapazes) havendo um predomínio de jovens (50,3%) na faixa etária dos 11 aos 14 anos. Foram visitadas 44 turmas, constituindo 38 escolas do município. Apuraram que os adolescentes no geral estão satisfeitos com o seu corpo, pois revelam um auto-conceito positivo e uma auto-estima elevada, a despeito da ideia que os adultos e a sociedade têm em geral acerca deles. Concluiu-se, portanto, que a visão otimista que o adolescente tem de si, precisa de ser reconhecida e implementada nas estratégias de promoção, prevenção e atenção dos agravos à sua saúde. Sendo assim, é importante a aprovação social dos adolescentes em várias dimensões, tais como a sua imagem física. Pois, os adolescentes com auto-estima elevada acreditam na sua competência, valor e em si mesmos, por outro lado, aqueles com auto-estima baixa sentem-se inferiorizados, desvalorizam-se e sentem-se inseguros, tornando-se assim mais vulneráveis.

Russo (2005), com o objetivo de identificar distorções da imagem corporal em estudantes de Educação Física, realizou um estudo intitulado “*Imagem corporal: Construção através da cultura do belo*”, utilizando uma amostra de 102 estudantes

(55 do sexo masculino e 47 do sexo feminino), com idades compreendidas entre os 18 e os 32 anos. Concluiu que existem determinados padrões de estética corporal aos quais os indivíduos pretendem corresponder e a não correspondência a esses padrões leva a excessivas preocupações quanto ao modo como irão atingi-los. No caso do sexo feminino, a visão distorcida do tamanho do corpo leva a comportamentos também distorcidos, tais como, jejum, provocação de vômitos, uso de laxantes e diuréticos, assim como, ao sentimento de vergonha da exposição do seu corpo, abstendo-se de práticas de lazer, como por exemplo, ir à piscina. No caso do sexo masculino, apresentam uma preocupação exagerada em ficarem fortes e, apesar de em muitos casos possuírem já um corpo musculado, continuam a ter uma visão distorcida da sua imagem, considerando-se fracos e esqueléticos, passando horas no ginásio: vigorexia – patologia emocional, mais comum em homens, que se caracteriza por uma preocupação excessiva em ficar forte a todo o custo (Ballone, 2004). A vergonha do próprio corpo leva-os, muitas vezes, a recorrer a fórmulas mágicas, tais como, anabolizantes. Assim, verificou que, efetivamente, a insatisfação corporal é uma realidade para ambos os sexos e que essa insatisfação deriva de perspectivas/ideais diferentes, de acordo com o gênero. Estes dois últimos estudos se aproximam daquilo que pretendemos realizar enquanto pesquisa. Nós trazemos as vozes de três profissionais de Educação física e as suas percepções sobre as questões aqui levantadas pela teoria. A seguir, a pesquisa de campo realizada na Escola Jose Richa Sobrinho em Bananeiras/PB.

### **3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

#### **3.1 Espaço da Pesquisa**

A Escola de Ensino Fundamental e Médio Jose Rocha Sobrinho – CEPES – situa-se na Avenida Governador Pedro Gondim, S/N, CEP 58220-000, no Centro de Bananeiras. Há em seus quadros 97 funcionários e funciona nos três turnos, nas modalidades Ensino regular – Fundamental e Médio e EJA – Ensino Médio.

#### **3.2 A Pesquisa, Instrumentos e Procedimentos**

Quanto à natureza, o presente trabalho foi de caráter exploratório, utilizando como suporte teórico a investigação bibliográfica e documental. O instrumento de pesquisa foi uma entrevista semi-estruturada com 04 (questões) exemplificadas abaixo, aplicado a 03 (três) professores de Educação Física de uma escola básica. A afirmação: “A mídia, atualmente, dissemina o ideal do corpo perfeito, colocando-o com requisito básico para o bem-estar social, principalmente feminino” iniciou os questionamentos que prosseguiu com as quatro questões abaixo:

- 1 - Como o professor de Educação Física deve lidar com a questão do corpo perfeito, na escola?**
- 2 - Há cobranças dos alunos, pais e dos gestores, sobre o professor de Educação Física, no que diz respeito a essa questão?**
- 3 - Quem cobra mais, os alunos ou as alunas?**
- 4 - Como as alunas veem as aulas de Educação Física, nesse panorama de culto ao corpo?**

O questionário foi entregue aos professores e, recolhidos na semana seguinte. Após a coleta, iniciou-se a análise dos dados, articulando os dados bibliográficos (fichas de resumos, citações...) e os dados da pesquisa, coletados que apresentamos a seguir.

### **3.3 Apresentação e Discussão dos Resultados**

Os três professores das escolas básicas que participaram da pesquisa e responderam ao nosso questionário, apresentaram os seguintes pronunciamentos a respeito da temática proposta. Inicialmente a seguinte afirmativa foi formulada: a mídia, atualmente, vem disseminando o ideal do corpo perfeito, colocando-o com requisito básico para o bem-estar social, principalmente feminino. Diante desta perspectiva obtivemos as seguintes respostas:

#### **Transcrição do depoimento do Professor (01)**

Francelino José Alves Neto. Cref. 001533-G/PB

#### **1 - Como o professor de Educação Física deve lidar com a questão do corpo perfeito, na escola?**

*A imagem do corpo perfeito é mais voltada para as meninas e o professor de Educação Física deve lidar com essa questão orientando os seus alunos através de esclarecimento no que se refere ao uso de suplementos alimentares e os famosos anabolizantes, como também os exageros no treinamento. O mesmo deve preparar um ambiente adequado para essas orientações sobre o corpo, a moda, a beleza e satisfação pessoal, incluindo uma boa alimentação para a conquista de um belo corpo, não pela influência da mídia.*

#### **2 - Há cobranças dos alunos, pais e dos gestores, sobre o professor de Educação Física, no que diz respeito a essa questão?**

*Não. Nenhum deles é cobrado, principalmente o professor, pois a função da disciplina da escola não é voltada especificamente para o corpo e sim para as atividades recreativas, esporte, jogos, brincadeiras que trazem benefícios a saúde do corpo e da mente.*

### **3 - Quem cobra mais, os alunos ou as alunas?**

*Podemos perceber que as meninas se preocupam mais com a beleza do corpo e daí surgem as críticas em relação ao corpo das colegas e do próprio corpo.*

### **4 - Como as alunas veem as aulas de Educação Física, nesse panorama de culto ao corpo?**

*Vimos que entre as alunas surgem algumas interrogações e comentários relacionados à beleza, onde algumas chegam a ficar constrangidas diante da situação. Pensando na inclusão, o professor aparece como um orientador, buscando meios e atividades que apenas estejam relacionados diretamente com o corpo.*

De acordo com a fala do professor 01, as alunas são as mais preocupadas com a questão do corpo do que os alunos. E ao professor (a) cabe orientá-las, sobre os exageros, tanto na alimentação, no uso de suplementos e nos exercícios físicos. Este profissional destaca ainda a necessidade de um corpo saudável, sem seguir as tendências da mídia. Para o professor, o profissional de educação física não tem como função precípua trabalhar a questão do corpo, e sim, as atividades esportivas. No entanto, elas podem ser aliadas na construção de um corpo saudável. Ainda segundo o mestre, as alunas se preocupam com a beleza corporal e comparam os seus corpos com os dos seus colegas. Boa parte das alunas não se sente a vontade para discutir questões relacionadas ao corpo, mas há bastantes dúvidas a esse respeito. Assim, caberia ao professor (a) orientá-las, sem deixá-las constrangidas. Para Tavares (2003) é importante a intervenção pedagógica através da educação física, aliando conscientização a essa educação dos sentidos para o desenvolvimento da imagem corporal.

**Transcrição do depoimento do Professor (02)**

Higo Franklym de Freitas Alves Cref. 002242-G/PB

**1 - Como o professor de Educação Física deve lidar com a questão do corpo perfeito, na escola?**

*Nos últimos anos, muito se tem discutido a questão do corpo perfeito. Nesse sentido o professor de Educação Física deve formar criticamente o sujeito (aluno) em seu processo de aprendizado, conscientizando-os da aquisição de conhecimentos e experiências para a vida. Essa supervalorização do corpo imposta pela mídia deve ser tratada com atenção pelo professor para com seus alunos, onde estes também deve respeitar as diferenças, o próprio corpo e o corpo do outro. Muitos deles insatisfeitos com a própria aparência, buscam meios prejudiciais à saúde, como os esteróides anabolizantes, suplementos alimentares de forma equivocada, remédios que inibem a fome, dietas malucas não indicadas por profissionais e ainda a sobrecarga de treinamentos, ultrapassando seus limites e do próprio corpo.*

**2 - Há cobranças dos alunos, pais e dos gestores, sobre o professor de Educação Física, no que diz respeito a essa questão?**

*Não. Nunca aconteceu comigo, até acho que os pais deveriam se preocupar mais com essa questão, acompanhar essa procura dos filhos pelo corpo perfeito. A direção cobra mais a parte esportiva, os jogos escolares, o rendimento em si. Como professor de Educação Física devo estar atento a isso, pois como componente curricular, a Educação Física não é só isso e muito menos a valorização do corpo perfeito.*

### 3 - Quem cobra mais, os alunos ou as alunas?

*Com a convivência do dia a dia na escola, percebo que as meninas se preocupam mais com o corpo diretamente, onde a vaidade é muito forte, onde até mesmo se redefinem para atender padrões sociais estabelecidos como ideias e agem de forma preconceituosa com os colegas que não se inserem no que eles julgam “perfeito”.*

### 4 - Como as alunas veem as aulas de Educação Física, nesse panorama de culto ao corpo?

*Sempre procuro informar aos meus alunos os benefícios da atividade física, o valor da vida saudável, mas também as consequências dos exageros, através de textos, vídeos, e geralmente há um bom interesse por parte deles, querem saber se estão conforme os padrões do IMC (Índice de massa corporal), quais os malefícios de se estar acima do peso, questionam o que as modelos fazem pra ter um corpo aparentemente tão perfeito. Sempre tenho a preocupação de esclarecer tudo, não excluindo as alunas que estão acima do peso das atividades, buscando sempre o bem-estar social, físico e mental das mesmas. As alunas na sua maioria enxergam a Educação Física como uma forma de se ter mais saúde e conseqüentemente adquirir uma boa aparência estética.*

O professor 02 se mostra preocupado com a valorização excessiva do corpo e sugere que o profissional de educação física tenha uma postura crítica em relação às práticas que buscam a beleza corporal a todo custo, principalmente sem orientação de um profissional da área. Afirma que nunca foi cobrado, embora acredite que os pais deveriam se preocupar mais com a questão. A escola cobra a parte recreativa, geralmente atribuída ao profissional de EF. Afirma que mesmo sem cobrança, o profissional deve ficar atento a questão. No que diz respeito a preocupação discente com a questão do corpo, afirma que as alunas são mais vaidosas, geralmente elas cobram mais. E, impregnadas de idéias sobre o corpo perfeito, elas julgam as colegas, as vezes de forma preconceituosa. O professor diz ainda que discute os benefícios da atividade física, mostra as conseqüências do

exagero e traz informações sobre IMC e outras questões relacionadas com a saúde. As alunas vêem a aula como uma forma de melhorar a aparência.

### **Transcrição do depoimento do Professor (03)**

João Batista Alexandre da Silva. Cref.: 001956-G/PB

#### **1 - Como o professor de Educação Física deve lidar com a questão do corpo perfeito, na escola?**

*Cabe ao professor de educação física criar um ambiente propício as discussões voltadas para o que a sociedade e principalmente a mídia estabelece como padrão de moda, de beleza, de prazer, pois, na maioria das vezes existem interesses com fins lucrativos. A imagem do corpo perfeito é fútil e momentânea provocando muitas vezes a insatisfação dos jovens com seus próprios corpos fazendo com que eles na busca do corpo perfeito façam sacrifícios que provocam danos à saúde. É aí que entra mais uma vez o professor de educação física que pode orientar os alunos de forma a esclarecer os danos que alguns recursos (uso de anabolizantes, bulimia, suplementos, excesso de treino...) podem provocar a saúde e que os mesmos não devem ser influenciados pela mídia ou por modismos.*

#### **2 - Há cobranças dos alunos, pais e dos gestores, sobre o professor de Educação Física, no que diz respeito a essa questão?**

*Não. Pelo menos no meu caso nunca fui cobrado neste sentido, nem mesmo dos pais que tem filhos obesos. Na realidade os gestores das escolas sabem que a função da educação física não é cultuar o corpo perfeito, mas, proporcionar o gosto pelas práticas corporais, onde a função do professor é oferecer um leque de opções de atividades e entre outros objetivos ter gosto pelos esportes, atividades rítmicas, jogos brincadeiras e de como estas práticas corporais podem trazer benefícios para a saúde física e mental.*

### **3 - Quem cobra mais, os alunos ou as alunas?**

*Podemos perceber que as meninas se preocupam mais com estereótipos de beleza e do que é moda, se existem cobranças sobre o corpo perfeito é entre os próprios alunos e alunas que as vezes fazem comentários preconceituosos sobre os que se encontram, por exemplo, acima do peso.*

### **4 - Como as alunas veem as aulas de Educação Física, nesse panorama de culto ao corpo?**

*O que podemos perceber claramente entre as alunas é quando abordamos algum assunto relacionado à nutrição ou obesidade. As que se encontram acima do peso se interessam em saber mais, por exemplo, em levantar questionamentos do tipo: Como se faz para perder peso? A atividade física faz emagrecer? Qual a quantidade de calorias existentes nos alimentos. Também é perceptível em algumas situações que as alunas que se encontram acima do peso ficam constrangidas e tímidas sem querer participar das atividades propostas. Cabe ao professor de educação física criar um ambiente propício a aprendizagem e que contribua para a inclusão e aumento da auto-estima.*

O professor 03 acredita que se deva criar um espaço para discutir o modelo de beleza imposto pela mídia, principalmente, os malefícios causados por esse modelo imposto e destacando a futilidade desses padrões que propagam a beleza em detrimento de outros valores pessoais. Na escola onde trabalha não há cobranças, pois, segundo ele, não é atribuição da EF a cultura do corpo, mas, as práticas corporais. Mesmo assim, visto que essa questão é pertinente à escola e à disciplina, sugere que o professor (a) ofereça um leque de atividades físicas – jogos, brincadeiras e outras práticas para melhorar a saúde física e mental. Ainda de acordo com ele, as alunas se preocupam mais e, as vezes algumas delas são vítimas de preconceito em virtude do excesso de peso. Estas alunas com excesso de peso geralmente se interessam mais pela aula, já outras ficam constrangidas. “É

o culto ao corpo (...) quem não o modela, está fora, é excluído” (DEL PRIORE, 2000).

Os citados professores se adéquam as demandas da pós-modernidade, em que as identidades são móveis (HALL, 2006) e cada vez mais há apelos para novas construções identitárias. Nesse cenário, professores e alunos tentam firmar suas identidades, enquanto outras identidades são propaladas pela mídia ininterruptamente. Ser dono de um corpo perfeito é uma necessidade que a mídia construiu e uma identidade a se agregar a tantas outras, presentes no cotidiano dos sujeitos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos constatar – através da pesquisa bibliográfica – que a satisfação ou não com a imagem do corpo está intimamente relacionada com a maior ou menor correspondência aos ideais de beleza, inculcados pela mídia. E a mídia prega, diariamente, o ideal de magreza como padrão. E, desse modo, esse ideal é valorizado, e quem não se enquadra nele, apresenta sentimentos de inferioridade e de baixa auto-estima. Ficou evidente também, a maior preocupação com a imagem e manutenção da beleza corporal por parte do sexo feminino, em virtude de uma maior cobrança sobre a mulher. Na escola, muitas vezes, em virtude do não enquadramento em determinado padrão, algumas alunas buscam no jejum, na provocação de vômitos, no uso de laxantes e diuréticos, uma saída rápida para emagrecer. Quem não consegue, convive com o sentimento de vergonha da exposição do seu corpo. A pesquisa de campo reafirma algumas dessas questões e, os profissionais de Educação Física tentam a partir de suas aulas conscientizarem, principalmente as alunas de que os *corpos perfeitos* difundidos pela mídia são, geralmente, imagens manipuladas e artificiais e pouco se relacionam com a realidade. As alunas da escola, segundo os professores se interessam pelas questões relacionadas à saúde corporal, mas muitas se sentem constrangidas em se expor perante o profissional e, principalmente a turma. Algumas delas, aquelas que apresentam sobrepeso, são alvo de chacota ou outras brincadeiras parte de outras alunas e/ou alunos.

Os três profissionais defendem a realização de um trabalho realizado a partir da criticidade e da conscientização e defendem que é papel do professor de Educação Física é promover junto aos seus alunos ou grupo de trabalho reflexões acerca desse ideal de corpo e forma física vinculados aos meios de comunicação em massa. Tarefa que não parece fácil em virtude dos apelos mais freqüentes dos meios de comunicação presentes no cotidiano dos alunos (as), principalmente fora da escola e, das dificuldades oriundas do sistema escolar, que pouco vislumbra práticas interdisciplinares em que todas as disciplinas devem discutir o problema, a partir de um ponto de vista articulado.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP, 2007.
- BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina. **Comunicação e Educação: questões delicadas na interface**. São Paulo: Hacker, 2001.
- CASTRO, A. L. **Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo**. São Paulo: Annablume, 2007.
- CONTI, M., Frutuoso, M. & Gambardella, A. (2005). **Excesso de peso e insatisfação corporal em adolescentes**. Revista de Nutrição, 18 (4): 491-497.
- DAMASCENO, V., Lima, J., Vianna, J., Vianna, V. & Novaes, J. (2005). **Tipo físico ideal e satisfação com a imagem corporal de praticantes de caminhada**. Revista Brasileira de Medicina do Esporte, 11 (3), 287-308.
- DEL PRIORE, Mary I. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história da transformação do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: Senac, 2000.
- FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- FREITAS, Luiz de. **Dos povos primitivos à polis grega: comunicação, educação e atualidade**. **Palavra**, Tubarão, v. 1, n.1, p. 27-44, jan./jul. 2002.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MATOS, **Francisco José Sobreira de**.2010. Disponível em: <http://www.conta.beis.ufpe.br/propesq/images/conic/2010.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2013.

MISKOLCI, R. **Vivemos uma crise das Identidades de Gênero?** In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 29. 2005. Caxambu/MG. **Anais...** Caxambu/MG, 2005. Disponível em: <http://www.ufscar.br/richardmoskolci/paginas/academico/cientificos> Acesso em: 02 fev.2014.

NEIRA Marcos Garcia e Ricardo Ricci Uvinha. **Cultura Corporal: Diálogos entre Educação Física e Lazer**. Ed. Vozes, 2009.

RAGO. M. Descobrindo historicamente o gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.11, p.89-98, 1998.

RIZZO PINTO, J. **Corpo, movimento e educação**: o desafio da criança e adolescente deficientes sociais. Rio de Janeiro: Sprint, 1997.

ROESCH, Sylvia Azevedo. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas S.A., 1999.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias**. 3 ed. São Paulo: Experimento, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

XAVIER, Maria Elizabete; RIBEIRO, Maria Laura; NORONHA, Olinda Maria. **História da educação**: a escola no Brasil. São Paulo: FTD, 1994.